



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

### Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

### About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

### **Diretrizes de uso**

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.  
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.  
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.  
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.  
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

### **Sobre a Pesquisa de Livros do Google**

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>



F2537

N23

1895

JOAQUIM NABUCO

STANFORD  
LIBRARIES

# O DEVER DOS MONARCHISTAS

CARTA

Ao Almirante Jaceguay

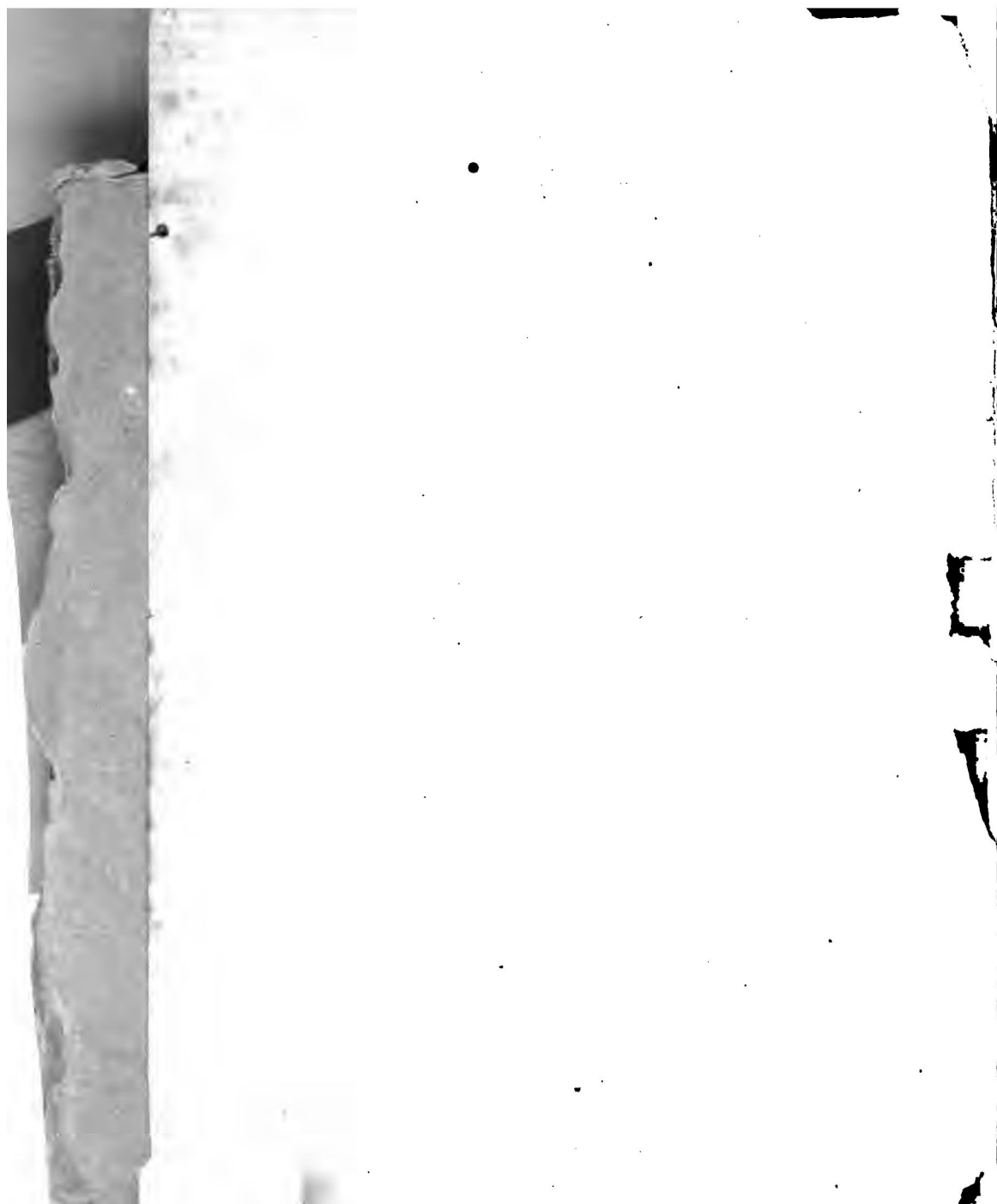


RIO DE JANEIRO

Typ. **H. GARNIER** 36

10872

1895



Rebecca Baird 0.50

O DEVER DOS MONARCHISTAS



1

JOAQUIM NABUCO

---

# O DEVER DOS MONARCHISTAS

CARTA

Ao Almirante Jaceguay

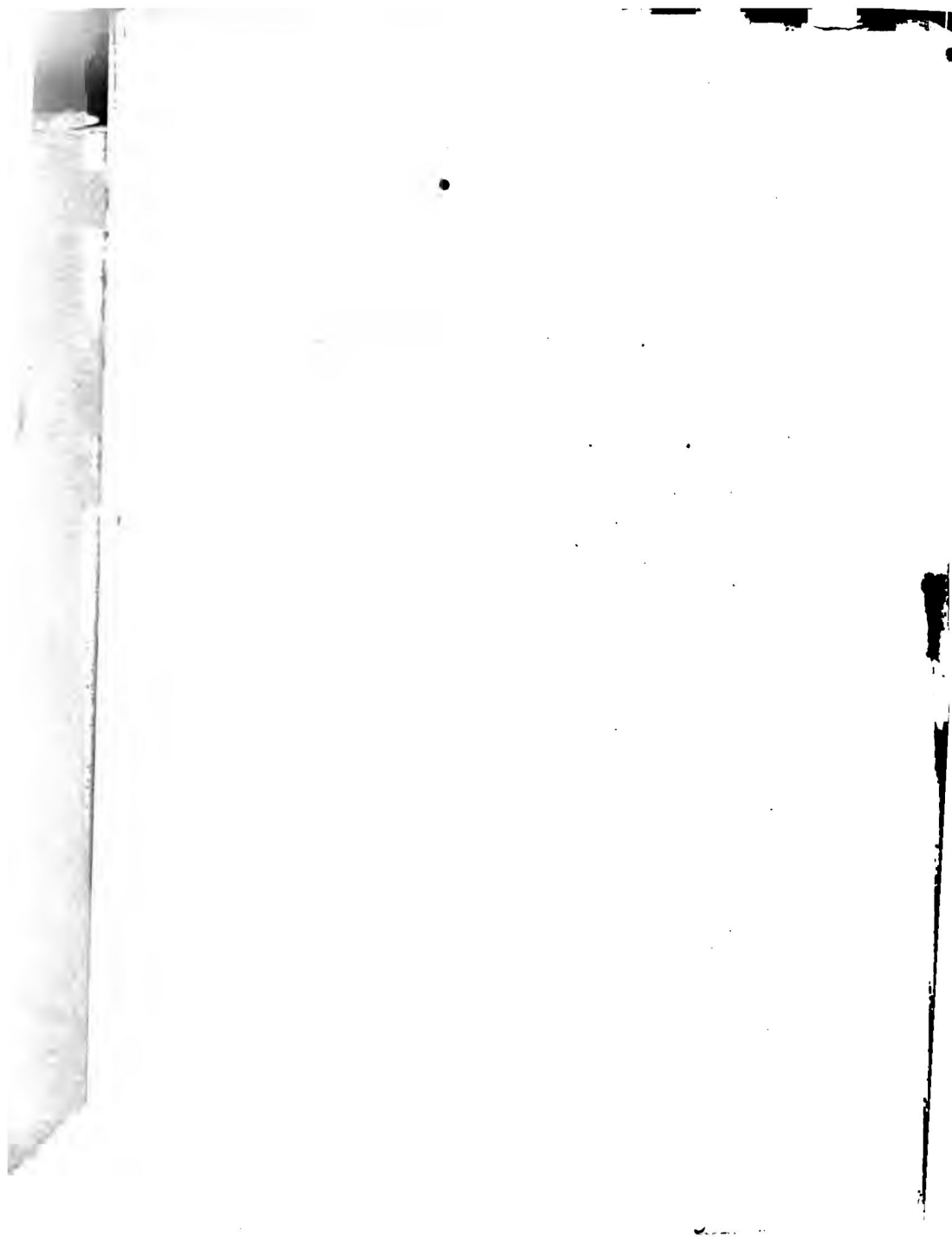


RIO DE JANEIRO

Typ. LEUZINGER—rua do Ouvidor 31 & 36

10372

1895



# O DEVER DOS MONARCHISTAS

CARTA

AO ALMIRANTE JACEGUAY <sup>1</sup>

Em 1890, na *Resposta ás Mensagens do Recife e Nazareth* e na carta ao *Diario do Commercio* : — *Porque continuo monarchista* ; em 1891, no *Agradecimento aos Pernambucanos* e na collaboração para o *Jornal do Brazil* intitulada *Illusões Republicanas* ; em 1893, no discurso que pronunciei na Kermesse da Cruz Vermelha ; em 1895, em *Balmaceda* e na *Intervenção Estrangeira durante a Revolta*, sem recordar a nossa campanha de 1888 e 1889, quando a escravidão respondeu ao acto de 13 de Maio desfraldando a bandeira da Republica, manifestei do melhor modo que me era possível o meu pensamento sobre a adaptação da forma republicana ao nosso

---

1. Em resposta á carta do mesmo almirante publicada no *Jornal do Commercio* de 15 de Setembro sob o titulo — *O Dever do Momento*.

paiz. Além daquelles fragmentos de opinião, ha dous annos que me occupo em reconstruir, sob o titulo — *Um Estadista do Imperio*, J. Th. Nabuco de Araujo, Sua Vida, Suas Opiniões, Sua Epoca (1813-1878), a individualidade de um dos vultos do antigo regimen com uma perspectiva do reinado de D. Pedro II, esboço que continuarei, se puder levar a effeito um plano talvez demasiado ambicioso, com a historia do Movimento Abolicionista (1879-1888), á qual pertence o fim da grande era brasileira.

Como vê, encerrei-me politicamente, ha já seis annos, em uma especie de archivo, a recolher em livros, em documentos, em retratos, em tradições quasi desconhecidas hoje, os traços da original, delicada e a alguns respeito ideal civilisação em que pôde florescer por tanto tempo a unica monarchia da America. E' no meio dessa poeira do passado que me vem encontrar sua apreciavel carta fallando-me do futuro da Republica. Tudo que eu posso dizer-lhe em resposta será apenas uma repetição daquellas folhas dispersas; não tenho nada que acrescentar aos sentimentos que tantas vezes expressei. E' certo que não ha razão em politica para mudar de argumentos, como não ha em geometria para procurar novas demonstrações de velhos theo-

remas. Ainda assim confesso que eu não quizerá voltar neste momento á questão em que tão profundamente divergimos. Desde, porem, que sou obrigado a fazel-o, discutamol-a como naturalistas discutirão a transformação de uma especie, sustentando eu que a Republica entre nós será a reproducção viciada e esteril do typo nacional fixo, contra a sua opinião que ella pôde ser o aperfeiçoamento daquelle typo.

— « *Por um phenomeno, diz a sua carta, que não sei se algum dia se chegará a explicar scienti-ficamente, o sentimento dominante na raça mestiça americana é o da igualdade. Como conciliar com esse sentimento a affeição á monarchia que é o privilegio por excellencia?* » O facto é que essa affeição existio, e que era natural. A realeza esforçou-se entre nós o mais que pôde por diminuir o sentimento da superioridade de raça. Eu poderia accumular a prova; basta, porém, o testemunho do velho Rebouças, a quem se pôde chamar o patriarcha da raça de côr. « A côrte Portugueza, disse elle na Camara na Sessão de 1843 quando pedia, são os seus termos, que a população mulata tivesse um representante no ministerio para a administração suprema ficar completamente nacionalisada, a côrte Portu-gueza distinguia naturaes de Portugal de na-

turaes do Brazil ; a estes, porém, considerava-os indistinctamente, e os distinguia apenas quando por meio de seus sabios dictames, promulgados em leis, procurava, a favor dos homens de côr, combater e extinguir inteiramente toda essa prevenção contra o seu accidente, criada e posta em voga nos paizes coloniaes. Na causa sagrada da Independencia do Brazil tomámos todos parte, unidos sempre, e partilhado temos todos os perigos da patria, cooperando juntos para a sua salvação e com a mesma lealdade e interesse patriotico em todas as occasiões sem excepção alguma. Ainda os mulatos, meus senhores, têm de mais um interesse na guarda e defeza da monarchia constitucional representativa, que não é tão precisamente necessaria a outros cidadãos Brasileiros. Receio muito sobre as intenções d'esses republicanos, sectarios das massas brutas...» (*Recordações da Vida Parlamentar* do advogado Antonio Pereira Rebouças, I, 524.)

Desde Henrique Dias até os batalhões negros do Paraguay, desde os africanos da Bahia que á chegada de D. João VI cantavam pensando que ia acabar o açoite depois da *Ave Maria* :

Dono da terra chegou  
Cento e cincoenta acabou,

até ás massas resgatadas em 28 de Setembro e 13 de Maio, o sentimento dynastico da raça de côr foi inalteravel. Será exagerado imaginar que ella venha a mostrar no Brazil pela instituição que se sacrificou para resgatal-a a mesma fidelidade que os negros americanos conservam ha trinta annos ao partido de Lincoln?

Não sei ; não vejo, entretanto a razão por que o sentimento de igualdade daquella raça, se é ella que tem de decidir da sorte do paiz, como seu argumento presume, se expandiria melhor sob a republica do que sob a monarchia. Nunca o sentimento de desigualdade das côres foi tão forte com em uma republica,—os Estados Unidos. Nas monarchias absolutas do Oriente esse sentimento não existe. E' só nos Estados Unidos que o negro, o mulato, seja um dos oradores mais eloquentes do seu tempo, um representante diplomatico do seu paiz, como era Frederico Douglass, não entrará em um hotel, em um theatro, em uma escola, em uma igreja frequentada por gente branca. Os negros e os seus descendentes, qualquer que seja a mistura de sangue branco, formam na grande Republica de que somos a parodia uma casta inferior, ainda mais repulsiva para o branco do que os pariaes para os brámanes. Na Europa monar-

chica « vê-se o negro em toda parte, morando nos melhores hotéis, viajando em vagon de primeira classe, sentando-se como um igual nos bancos das grandes escolas de arte ou de sciencia... não se encontra um signal de preconceito contra elle, na imprensa ou na litteratura da Europa.» (Rev. John Snyder, FORUM, Out. 1889.) Nos Estados-Unidos, porém seria acaso possível a um mulato, qualquer que fosse o seu genio, chegar á posição, á quasi realleza litteraria de um Alexandre Dumas em Pariz?

A sua prova de que o meio americano era contrario á monarchia, é que ella degenerou nelle. A côrte transplantada para o Brazil não foi a côrte de Versalhes, foi a de Lisboa, é preciso não esquecer. Os viajantes estrangeiros do seculo XVIII descreveram o que era essa côrte, já no tempo de D. José e de D. João V. O seu estylo, a sua etiqueta, a sua *tenue* toda era tal que não podia degenerar, pelo contrario só havia de lucrar, em um meio que fosse effectivamente republicano. A negligencia, o abandono, o desalinho do ceremonial monarchico é a prova de que a sociedade é ultra-monarchica. Muito mais extensa e profunda do que a degeneração republicana da monarchia no Brazil não é a degeneração monarchica da republica em toda a America do Sul? A verdade

é que em um meio onde não existe pressão social é impossível que a forma de governo conserve perfectos todos os seus característicos, seja ella a monarchia, seja, muito menos, a república.

« D. Pedro II, no ultimo periodo de seu reinado, foi objecto de assombro de todo o mundo civilisado pela despreoccupação com que emprehendia as suas longas viagens, unicamente para satisfação de seus gostos de turista.» Mas o que foram essas viagens? A primeira vez que o Imperador viu a Europa foi em 1871; tinha elle perto de cincoenta annos. De 1840 a 1871 pôde-se dizer que ficou sentado no throno sem se levantar uma só vez. Ao Brazil deu a sua mocidade, as forças da sua robustez, sua actividade phenomenal. Tinha servido trinta e um annos e já os cuidados da guerra do Paraguay o tinham branqueado, quando se lembrou de pedir a primeira licença. E mesmo essa primeira viagem não foi feita sem uma intenção politica desinteressada. O Imperador queria dar á Princeza Imperial uma occasião de preparar-se para o throno, de ensaiar o seu papel de Imperatriz, ainda vivendo elle, de modo a não ter que começar um dia o seu tirocinio desajudada, entregue a si só. Ainda mais,